



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS - CCHN
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA- PROLIND**

**A HISTÓRIA DE UMA GUERREIRA TUPINIKIM:
Helena Pereira Coutinho e sua trajetória de luta pela resistência e
tradição do seu povo indígena.**

**LUANNA DE SOUZA PEGO
ROSIANE NEVES PEREIRA**

ARACRUZ - ES

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS - CCHN
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA- PROLIND**

**A HISTÓRIA DE UMA GUERREIRA TUPINIKIM:
Helena Pereira Coutinho e sua trajetória de luta pela resistência e
tradição do seu povo indígena.**

**LUANNA DE SOUZA PEGO
ROSIANE NEVES PEREIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND
como requisito para obtenção do título de Graduado em
Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do
Espírito Santo. Orientadora: Dra. Andreia Teixeira Ramos

**ARACRUZ - ES
2022**

**LUANNA DE SOUZA PEGO
ROSIANE NEVES PEREIRA**

**A HISTÓRIA DE UMA GUERREIRA TUPINIKIM:
Helena Pereira Coutinho e sua trajetória de luta pela resistência e
tradição do seu povo indígena.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo. Orientadora: Dra. Andreia Teixeira Ramos

Aprovado em 27 de agosto de 2022.

COMISSÃO AVALIADORA:

Profa. Dra. Andreia Teixeira Ramos
Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Soler Gonzalez
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Marli da Penha Vieira Gomes dos Santos
Secretaria de Educação de Aracruz

FILHAS DA TERRA

**Que sabedoria! Dona Helena ensinou:
Somos FILHAS DA TERRA, a luta não acabou,
Índias Guerreiras, cantamos assim:
Somos FILHAS DA TERRA, Tupinikim.**

Todas unidas para se pintar
Urucum, jenipapo; nossos traços marcar.
Índias Guerreiras, a alegria cantar:
Aqui chegamos, com o maracá!

Coro

Abrem a roda, todas vamos dançar,
Som do tambor e casaca, comemorar!
Índias Guerreiras, nossa terra é aqui
Vamos plantar a semente, somos Tupinikim!

Coro 2 vezes

Autoras:

Adriana Vitoriano Barbosa e Joseni Ramos Alves

Melodia: Edson Vitoriano Barbosa

Inspiração: Dona Helena.

10 de setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Deus pela saúde e força para superar todos os desafios encontrados ao longo do curso.

Aos nossos familiares, esposos e filhos pelo apoio e palavras de incentivo e por compreenderem as nossas ausências durante o desenvolvimento desse trabalho.

Agradecemos a dona Helena pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo.

Gratidão a nossa orientadora professora Andréia Teixeira Ramos pela dedicação, sabedoria e determinação com que nos orientou durante a realização do nosso projeto de pesquisa.

Agradecemos as professoras Adriana Vitoriano Barbosa e Andréa Pereira Coutinho pelas contribuições no processo de obtenção de dados.

Aos nossos colegas de curso, muito obrigada pela ajuda nos momentos de dificuldade e também, a toda equipe de coordenação do curso.

Agradecemos a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma, para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso contribuirá para o fortalecimento das memórias do povo Tupinikim do Espírito Santo, pois apresenta a história da guerreira Tupinikim Helena Pereira Coutinho, sua trajetória de vida como mulher e liderança indígena e sua luta para dar continuidade ao seu legado cultural e ancestral. Para tanto, destacamos a história e a trajetória de vida por meio da entrevista narrativa e conversada descrevendo as memórias dessa guerreira em relação às tradições da comunidade indígena da Aldeia de Caieiras Velha. Nesse caminho, realizamos uma pesquisa narrativa, construída com base em relatos de história oral, utilizando para a produção de dados pesquisas bibliográficas, complementadas pelos registros de imagens narrativas fotográficas obtidos em pesquisa de campo onde realizou-se entrevistas narrativas e conversadas com participantes da comunidade local e escolar. Deste modo, este trabalho tem a intencionalidade de contribuir como registro para os conhecimentos e fortalecimentos das identidades culturais das futuras gerações que conhecerão e darão continuidade ao legado deixado por essa extraordinária mulher indígena, que sempre visa afirmar e reafirmar sua identidade valorizando a sua cultura e etnia. Como produto educacional com a pesquisa produzimos um episódio de Podcast apresentando uma roda de conversa que fizemos com Dona Helena.

Palavras-chave: Mulheres Tupinikim. Identidades. Fortalecimento Cultural. Resistência. Narrativas. Pandemia.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	7
CARTA PEDAGÓGICA DE ROSIANE NEVES PEREIRA	7
MEMORIAL DE LUANNA DE SOUZA PEGO	9
1. INTRODUÇÃO	13
2. APROXIMAÇÕES COM O TEMA DA PESQUISA	19
3. CONVERSAS COM DONA HELENA	26
4. NARRATIVAS DA PROFESSORA ANDREIA PEREIRA COUTINHO	36
5. NARRATIVAS DA PROFESSORA ADRIANA VITORIANO BARBOSA	39
6. IMAGENS NARRATIVAS DAS TRAVESSIAS DE DONA HELENA	44
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
8. REFERÊNCIAS	78
FONTES VIRTUAIS	78
FONTES ORAIS.....	79

PRIMEIRAS PALAVRAS

CARTA PEDAGÓGICA DE ROSIANE NEVES PEREIRA

Caieiras Velhas, 25 de julho de 2021

Olá Professora Andreia Ramos, que saudade sinto da senhora e das aulas presenciais. Decidi escrever esta carta para partilhar um pouco da minha história, eu não sabia como iniciar então irei começar dizendo que sou indígena, nascida e criada, na Aldeia de Caieiras Velhas, pertencente da etnia Tupinikim, filha de Zilda e José Augusto, neta de dona Helena, que é uma das grandes protagonista da cultura do nosso povo.

Tive uma infância muito feliz, com liberdades para brincar com os meus irmãos, minhas tias, primas e amigos, nos brincávamos de diversas brincadeiras que umas delas são: pique-esconde, passa-anel, cantigas de roda, taco e outros. Sempre gostei de ler livros de romance, diversas histórias e receitas. Comecei a estudar na escola pluridocente da Aldeia de Caieiras Velhas até a quarta série, depois fui estudar fora da aldeia, em bairro próximo, na Escola Primo Bitti, tínhamos o transporte escolar, eu e meus parentes indígenas sofríamos discriminação na escola e vários comentários desagradáveis, éramos muito maltratados pelos colegas por sermos indígenas e morar em uma aldeia, mas tínhamos os melhores professores. Conclui o ensino médio com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e logo depois iniciei a faculdade de pedagogia, que por diversos desafios, inclusive financeiro, não consegui concluir.

Na minha comunidade faço parte das danças dos guerreiros, sempre estive envolvida nas lutas das causas indigenistas, e participo das reuniões da comunidade. Uma das lutas que marcou a minha vida, foi a Luta Pela Terra ocorrida no ano de 2005 pois estava grávida de 06 meses, do meu filho Nhyrõ, foi um momento de muito medo, tristeza e terror, mas graças a Deus com um final feliz, onde tivemos nossa território demarcado e homologado, no ano de 2010.

Hoje sou estudante da Ufes cursando Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani-PROLIND. O PROLIND foi uma luta dos caciques e lideranças que pensam na formação de mais educadores indígenas para avançar na educação dos nossos povos, principalmente no ensino médio que está em processo de iniciação e eu pretendo adquirir esta importante formação

para ajudar no desenvolvimento educacional do nosso povo. Para mim está sendo uma grande experiência, podemos dizer que estamos bem próximo da conclusão que será uma grande realização por diversos desafios superados. Estou me empenhando ao máximo para me tornar uma profissional qualidade.

Um abraço!

Rosiane Neves Pereira

MEMORIAL DE LUANNA DE SOUZA PEGO

Meu nome é Luanna de Souza Pego, tenho 27 anos. Sou moradora da Aldeia de Caeiras Velhas e sou da etnia Tupinikim. Nasci no município de Aracruz, sou filha de Luiz dos Santos Pego e Marinuzi de Souza Pego, cresci numa família com dois irmãos sendo a única menina e caçula. Tive uma infância ótima, cresci em contato com a natureza, brincando de boneca e fazendo cozinhadinho com minhas amigas, aprendi a andar de bicicleta em uma bicicleta de adulto sem selim, adorava subir em árvores, mas depois de cair de um pé de Pinha, hoje em dia não me aventuro mais. Brincava de queimada, taco e pique esconde na rua da casa da minha avó paterna até tarde da noite com meus amigos e primos, Boas lembranças!!

Minha educação teve início na CMEI, creche da Aldeia. Adorava estudar lá! Brincar no parquinho da escola e participar das festinhas eram meus eventos favoritos. Tinha duas professoras que marcaram muito a minha história: Tia Penha Pequena e Tia Penha Grande. Elas eram irmãs e não indígenas, moravam no bairro vizinho Coqueiral, elas eram muito animadas e responsáveis pelos melhores eventos. As vezes nos esbarramos nas ruas da vida, e é sempre uma delícia de encontro! Falar da creche e não lembrar do Temporal que aconteceu nessa época é impossível.

Choveu e ventou muito, as ruas ficaram alagadas, o nível de água subiu, fios de energia se soltaram do poste, o telhado da creche caiu e um pedaço de telha caiu na testa do meu irmão, fez um corte superficial mas saiu muito sangue! Foi um desespero só! Meu tio Jhonatan que nos buscou e levou para casa da vovó Izaltina, pois a mamãe não conseguiu chegar a tempo, ela trabalhava de secretária na Associação Indígena Tupinikim e Guarani da aldeia. Quando ela chegou na vovó, quase desmaiou quando viu o sangue na testa do Lucas, ela não aguenta ver essas coisas, mas a vovó deu água com açúcar para ela e deu certo, ela se acalmou. Depois do ocorrido, a creche foi reformada e funciona até hoje, quando eu tiver meus filhos eles também irão estudar lá!

Ingressei na EMEFI Caeiras Velhas aos 7 anos, estudei lá do 1º até o 9º ano, eram turmas multisseriadas. Eu e meus amigos adorávamos a hora do recreio, a merenda era muito boa, as tias da cozinha cozinhavam muito bem. Meu grupinho de amigos era formado por mais de 10 pessoas, gosto de acreditar que éramos bons estudantes, afinal as professoras e os professores gostavam da gente! Algumas amizades levo até hoje, outras constituíram famílias cedo e se afastaram, mas nos cumprimentamos quando nos vemos por aí. Meu 1º ano do ensino médio foi no município de

Aracruz, na escola Monsenhor Guilherme Schmitz. Eu e mais cinco amigas estudamos lá até finalizar esse ano, não nos adaptamos muito bem e nossos pais decidiram nós transferir para a escola Primo Bitti em Coqueiral, onde os nossos outros amigos estudavam e lá concluímos o ensino médio. Com essa transferência de escola, tive a oportunidade de começar a trabalhar no salão de beleza da tia Vera, irmã da mamãe. No início como não sabia fazer muita coisa, só lavava os cabelos das clientes dela e varria o chão. Eu sempre me interessei pela área de estética, aos 15 anos já fazia minha própria sobancelha, vendo as fotos hoje, posso dizer que o design não combinava muito com o meu rosto (risos), mas naquela época, eu ficava orgulhosa quando as pessoas diziam que eu levava jeito para coisa!

Com o passar dos anos, a tia foi me ensinado os procedimentos que ela realizava no salão, hoje posso dizer que tudo que eu sei, aprendi com ela! Trabalhei com ela durante 9 anos, foram bons anos. Em 2015 fiz o vestibular indígena para o Prolind, curso intercultural indígena de formação superior para professoras e professores, ofertada pela UFES. Fiz o vestibular, mas não estava confiante, pois a maioria das pessoas que fizeram o vestibular também, foram meus professores quando eu ainda estudava na aldeia, então eu achava que não conseguiria. Mas para a minha surpresa consegui passar!

Esses 6 anos de curso tem sido desafiadores para mim. Já pensei em desistir várias vezes, mas a minha mãe, que atualmente é professora de Língua Inglesa e Portuguesa nas escolas das aldeias, não me deixou desistir, sempre me incentivava a tentar de novo, dizendo que ninguém nasce sabendo e que eu ia aprender assim como ela aprendeu, quando entrou na faculdade dela. E aqui estou eu, escrevendo um breve memorial descritivo pessoal para o meu TCC! Obrigada meu Deus!! 2020 foi um muito desafiador para todos nós, com a pandemia do Covid- 19, tivemos que aprender a nos adaptar com o novo normal.

Tive que sair do salão da tia Vera pois os comércios tiveram que fechar e precisei me reinventar abrindo meu próprio salão, atendendo com todos os protocolos de segurança. Não podia ficar sem trabalhar pois também foi o ano do meu casamento. Eu e o Frank estávamos construindo nossa casa, e sonhando com o nosso casamento, com todos os nossos familiares e amigos. Mas com a pandemia tivemos que adiar esse planejamento 2 vezes e em setembro optamos por uma cerimônia intimista, para não perder todo o dinheiro investido para a realização do nosso sonho. No final deu tudo certo e posso dizer que foi tudo perfeito, bem "a nossa cara". Hoje temos a

nossa casa e estamos há 10 meses casados!

Frank Pereira Lemos, meu marido, também é indígena. Crescemos na mesma vizinhança, porém não temos lembrança um do outro na infância. Ele está cursando 6º período de Engenharia Mecânica na UFSCar em São Paulo, mas atualmente está em casa, fazendo aulas remotas. Esse mês de agosto vou começar mais uma etapa da faculdade: o estágio. Vai ser um novo desafio, pois será remoto, afinal a pandemia ainda não acabou! Gostaria muito que fosse presencial, para ter o contato com todas as crianças, mas não será possível dessa vez. Ficamos na esperança de que a vacina chegue para todos, que essa pandemia acabe e que tudo fique bem logo. Essa foi uma breve narrativa sobre minha trajetória pessoal. Agradeço por todas as experiências vividas até aqui, pois foram elas que me tornaram quem sou hoje.

Sentimentos de uma índia

Peguei o barco e o meu remo e também o Samburá
Junto com índias guerreiras, fomos lá pro rio pescar
De tristeza eu fiquei, porque no mangue nada encontrei
Não pude conter minhas lágrimas e ali muito chorei

Desde quando os meus pais, bem cedinho ia pescar
Muitos peixes eles traziam para nos alimentar
Foi neste rio que cresci, com os meus pais sobrevivi
Me dá tristeza e revolta, vê o rio morrer assim

Neste lugar eu nasci, na fartura eu cresci
Na pureza e liberdade, hoje não temos mais aqui
Os mariscos que pegávamos para nos alimentar
Oh meu Deus cadê os peixes, que no rio não temos mais

O que Deus fez tão perfeito, veio o homem e destruiu
Acabou com as nossas matas e agora o nosso rio
Vamos mostrar as nossas danças, somos índios Tupiniquins
Se é pra morrer ou pra viver somos guerreiros até o fim

Autora: Maria Aparecida dos Santos Coutinho
(filha da Dona Helena)

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind) da Universidade Federal do Espírito Santo possibilitará o fortalecimento das memórias do povo Tupinikim do Espírito Santo. Aqui traremos a história de uma guerreira Tupinikim Helena Pereira Coutinho, que com sua trajetória de luta pela resistência e tradição do seu povo permite a permanência e o compartilhar de sua memória de modo documentado com o nosso povo, Tupinikim. O pensador indígena Ailton Krenak no seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* afirma que:

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos (KRENAK, 2019, p. 14)

Nesse cenário, o protagonismo das lideranças femininas Tupinikim têm a necessidade de ser documentada para que permaneçam intrínseco na história do nosso povo. Documentar a trajetória de vida de Helena Pereira Coutinho ouvindo as narrativas sobre suas relações pessoais e sociais perpassa pelos fatos, momentos históricos, contexto territorial em que habitamos e a expansão da participação das mulheres Tupinikim nas questões políticas e de liderança. Desse modo, as mulheres erguem a voz e ajudam outras mulheres indígenas a ocuparem espaços políticos fundamentais para a organização social da comunidade e do povo. Dizem a respeito da re-existência Tupinikim, que contribui com a resistência indígena de 521 anos no Brasil.

Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado com é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa". A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos (KRENAK, 2019, p.15)

Ser liderança na comunidade indígena e participar ativamente das articulações políticas nem sempre foi espaço ocupado por mulheres as organizações indígenas femininas pioneiras no Brasil são: Associação de Mulheres indígenas do Distrito de

Taracuí e Tiguié, Rio Uaupés, e Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro, ambas fundadas na década de 1980. A participação feminina intensificou-se devido a necessidade de lutar para garantir a existência indígena reivindicando seus direitos, onde a demarcação de terra sempre foi a pauta principal. Ao expandir as necessidades de espaços para discutir questões étnica-raciais e de gênero, as mulheres indígenas se inserem nos debates de políticas públicas demandando políticas públicas equânimes, discussão sobre violências e segurança alimentar.

Somente no ano de 2016 no 13º Acampamento Terra Livre (ATL), com apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), as mulheres indígenas tiveram espaço em plenária para tratar das suas reivindicações sobre violência de gênero e formas de enfrentamento. Nos anos seguintes, 2017 e 2018, as pautas demandadas pelas mulheres permaneceram e ganharam força. Outros espaços importantes onde as mulheres discutem as suas questões foram criados como a 1º Conferência Livre de Saúde das mulheres indígenas, a 2º Conferência Nacional de Saúde das Mulheres, 1º Marcha das Mulheres Indígenas como destaca Juliana Salles Machado quando diz

Enquanto mulheres, lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, iremos nos posicionar e lutar contra as questões e as violações que afrontam nossos corpos, nossos espíritos, nossos territórios. Difundindo nossas sementes, nossos rituais, nossa língua, nós iremos garantir a nossa existência. (Documento final da Marcha das Mulheres Indígenas: “Território: nosso corpo, nosso espírito, agosto de 2019)

Nesse caminho, esse Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a liderança indígena Dona Helena Pereira Coutinho, nascida em Suassú em 1949, segundo o livro YBYMEMBYRA (2002), conta a sua trajetória de vida a partir de suas narrativas. Eu, Roseane como neta, e como uma das autoras desta pesquisa, penso nos processos de formação intercultural e como matriz da minha história, vejo essa mulher como uma referência de luta, de batalha e guerreira, que iniciou ainda em sua pré-adolescência a trabalhar para re-existir e existir. A sua existência é na sua essência liderar. Como matriarca liderando a família reúne todos para participar dos encontros comemorativos, buscar lenha, tirar mandioca para fazer farinha, plantar, ir ao manguetal, nas rodas de congo, representar a família nas questões políticas, entre outros. Helena foi a primeira mulher indígena Tupinikim a ser convidada pelo cacique

e aprovada pela comunidade a ocupar o corpo de lideranças, que até o ano de 2002 era ocupado somente por homens.

Como liderança, procuro contribuir para que nossa cultura não morra. Juntamente com o cacique e demais lideranças procuro caminhos que nos levam a viver em harmonia com o meu povo e com as sociedades vizinhas. Nunca penso no benefício só da minha família, e sim da minha comunidade (COUTINHO, 2002, p. 33)

Todas as famílias Tupinikim tradicionalmente tem seus conglomerados, desta forma a convivência se dá pela construção da liderança familiar que representa e instituímos para toda a comunidade. Helena Coutinho é a liderança da família Coutinho e de Caieiras Velhas. A sua representatividade está para além da nossa família. Têm representado com grande importância a liderança Mulher em toda a sua trajetória política, do povo Tupinikim do Espírito Santo e a Aldeia Caieiras Velhas, e com isso trabalhado fortemente para que a “nossa cultura não morra”, (COUTINHO, 2002, p.).

Helena Pereira Coutinho têm sido uma das poucas mulheres Tupinikim que atuaram por décadas nas diversas lutas que nosso povo enfrentou, como liderança feminina. Essa sua garra e persistência têm possibilitados diversas mulheres Tupinikim a se inspirarem a ser liderança e continuar com o seu trabalho nos “caminhos que nos levam a viver em harmonia com meu povo e com as sociedades vizinhas”, (COUTINHO, 2002). Nesse contexto, Dutra e Mayorga (2019, p. 117) dizem que

As mulheres indígenas estão presentes em tudo.
Às vezes, não tem muita visibilidade, né.
Às vezes, a luta das nossas mulheres não
tem essa visibilidade que deveria ter.
Porque essa opressão já
surge dentro das nossas comunidades.

Antes de 2002, a participação das mulheres Tupinikim era assiduamente nas atividades culturais, rodas de congo, Festa de São Benedito, confecção de adornos e artesanatos, e atividades de subsistência como o trabalho na roça, doméstico e no manguézal.

Abordar sobre a trajetória de vida de Helena Pereira Coutinho, mulher indígena, mãe e matriarca é importante para a família Coutinho e para o povo Tupinikim. É dar instrumento para a continuidade do legado cultural e ancestral necessário para a defesa do território. Esse trabalho permitirá que a sua história dissemine e ocupe outros espaços tão importantes e fundamentais para além das comunidades Tupinikim, quanto espaços internos da comunidade, escolas indígenas, organizações e grupos sociais, a saúde indígena, que são fundamentais para perpetuar a permanência das memórias dessa guerreira que, conseqüentemente, contribui com a resistência cultural Tupinikim.

Nesse sentido, surgiram problemáticas em forma de **pergunta** que desejamos pesquisar. De que modo a história e a trajetória de luta e resistência da liderança indígena Helena Pereira Coutinho, guerreira tupinikim, fortalece e potencializa as memórias e tradições dos povos indígenas?

Desse modo o **objetivo geral** da pesquisa é conhecer a história e a trajetória de luta e resistência da liderança indígena Helena Pereira Coutinho, guerreira tupinikim, e suas memórias e tradições com os povos indígenas. São **objetivos específicos**: Relatar a história e a trajetória de vida por meio da entrevista narrativa e conversada com a liderança Dona Helena Pereira Coutinho e descrever as memórias da Dona Helena em relação às tradições da comunidade indígena da Aldeia de Caieiras Velha. Além disso, como produto educacional com a pesquisa produzimos um episódio de Podcast¹ apresentando uma roda de conversa que fizemos com Dona Helena.

Para atingir os objetivos propostos optamos pela **metodologia** da pesquisa narrativa (RAMOS, 2018, 2021; GONZALEZ e RAMOS 2021) com aproximações com uma liberdade e licença poética, estética, política e ética com o trajeto da pesquisa, sendo que:

¹ Podcast “é um programa de rádio que pode ser ouvido pela internet a qualquer hora, por meio do celular ou do computador. Com temas e duração variadas, o ouvinte pode acessar conteúdos em áudio para se informar, para estudar ou para passar o tempo”. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/02/10/oque-e-um-podcast-para-que-serve-conheca-algumas-sugestoes-de-programas>. Acesso em: 6 ago. 2021.

No decorrer das últimas décadas, passou-se a reconhecer no campo educacional, de forma crescente, a importância da narrativa como metodologia de investigação e de desenvolvimento pessoal e profissional de professores. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos essenciais: uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados (CABRAL e SOUZA, 2015, p. 149).

Em relação a entrevista narrativa “dado o valor formativo que a entrevista carrega, é importante observar que tal técnica pode significar importante contribuição para a pesquisa [sendo uma] técnica utilizada [...] nas pesquisas educacionais”. (CABRAL e SOUZA, 2015, p. 153), sendo que no caso da nossa pesquisa usamos a entrevista narrativa e conversada com as participantes envolvidas. A pesquisa aconteceu na Aldeia Indígena de Caieiras Velhas no município de Aracruz, ES. Foram sujeitos da pesquisa e também da história as professoras das escolas indígenas da Aldeia de Caieiras Velhas.

Como procedimentos de produção de dados para alcançar os objetivos proposto com a pesquisa narrativa utilizamos: diário de campo, memorial descritivo, carta pedagógica, entrevista narrativa e conversada, roteiro para conversa, imagens narrativas fotografias. Além disso, por causa da pandemia usaremos diário de campo digital com o uso dos aplicativos de celular como o WhatsApp para o envio e recebimentos de áudios, imagens e narrativas referente a pesquisa. Além de transcrição dos áudios com autorização dos participantes da pesquisa. Usamos também o Google Meet para encontros e reuniões de orientação do trabalho de conclusão de curso e Drive do Google para armazenamento dos materiais referente a pesquisa.

Lua vovó!

A lua minha avó
Me ensinou assim...
Não saia do caminho
Somos Tupinikim

Quando a gente planta
Cuidamos da mãe Terra
Olhamos para a Lua
Minha Avó, ela não erra!

**Mas se a terra escurecer
Vamos bater panela
Gritando muito alto
Nossa cultura é bela!**

Lua vovó! Volte para o seu caminho!

**A terra aqui escureceu...
Suas fases sigo com carinho (2 vezes)**

A Lua me ensinou
Cuidar é bem assim
Fazer artesanato
Somos tupiniquim

Quando a gente pesca
É com conhecimento
Olhamos para a Lua
E sabemos o momento

Coro

Autora: Adriana Vitoriano Barbosa

2. APROXIMAÇÕES COM O TEMA DA PESQUISA

Situada ao longo das margens do rio Piraqueaçu Caieiras Velhas é uma comunidade indígena rica em recursos naturais e culturais. O rio, e as matas que cercam a aldeia, foi e é até nos dias atuais o meio de sobrevivência dos moradores e moradoras da aldeia. A tradição é mantida e guardada fielmente, principalmente pelos mais idosos. O congo é a marca registrada dessa aldeia e as histórias não faltam. Caieiras Velhas foi umas das aldeias que permaneceram após exploração de terras indígenas causadas pelas indústrias de celulose em Aracruz, antiga Sauaçu.

Com a instalação da multinacional nas localidades, houve a extinção de algumas aldeias indígenas e a migração de alguns moradores para Caieiras. Poucas famílias, casas de “estruque” e muita mata, esse era o cenário da aldeia. A forma simples de vida, é até hoje levada por alguns indígenas moradores de Caieiras Velhas. O rio como maior meio de subsistência e a mata essencial para a alimentação diária, assim era a vida dos tupiniquins.

Mas não era apenas isso, muitos sobreviviam de seus artesanatos. A fabricação de “esteiras” (artesanato típico daquela época), e venda de mariscos era outra forma com que conseguiam manter as famílias, relatam remanescentes indígenas daquela época. A relação entre os moradores era fraternal e cordial, um ajudava o outro em suas necessidades, pois era um ambiente de paz que havia na comunidade. E nos momentos de conquistas ou datas comemorativas, a roda de congo era feita no centro da aldeia e ali com casacas e tambores, os indígenas dançavam durante a noite toda.

Esse era o retrato da comunidade indígena Tupiniquim de Caieiras Velhas, sempre muito receptiva e batalhadora, que também sofreu mudanças ao longo do tempo, isso também, devido ao acesso ao “não-índio” em suas terras. Atualmente, os povos indígenas sofrem com um dos maiores impactos ambientais já presenciados. Após o rompimento da barragem de minério da empresa Samarco ocorrido em Mariana-MG, o rio Piraqueaçu, que era até pouco tempo um meio de subsistência para muitos indígenas, sofreu um dano incalculável e até mesmo irreversível a ponto de não poder usufruir de tudo aquilo que ele pode oferecer. Muito

mais que um impacto ambiental, é um impacto moral, uma vez que, não há até então, uma solução ao caso e até mesmo de ressarcimento aos povos originários desta terra.

Para a realização desse trabalho será utilizada a pesquisa narrativa, pesquisa de campo (entrevistas), pesquisas bibliográficas, baseando - se também na obra da autora pesquisada, momentos de participações em encontros culturais na comunidade, em que a mesma faz parte e em ambientes virtuais. (Internet).

O primeiro objeto de estudo foi a partir da entrevista narrativa e conversada realizada com D. Helena Coutinho onde foi apresentado uma narrativa de sua trajetória que contempla sua infância até os dias atuais.

Segundo Helena Coutinho (2002), sua infância foi muito difícil, crescer numa família humilde, passando necessidades, teve que aprender a trabalhar desde cedo, junto com sua mãe e irmãos iam para o brejo cortar tábua para confeccionar esteiras para vender, retiravam mariscos, crustáceos do mangue para ajudar no sustento da família. Aos 12 anos começou a trabalhar de babá em casa de família e recebia alimento como pagamento. De uma infância com privações a uma das figuras mais respeitadas do povo Tupinikim.

Helena Coutinho é uma mulher que representa muito bem a luta e a resistência do povo indígena. Indígena da etnia Tupinikim, mãe de 8 filhos, Helena narra os obstáculos encontrada durante a sua trajetória de vida. Boa parte de sua infância foi dedicada a ajudar a sua mãe, Antonina a manter a casa. A manutenção da casa era através do trabalho de fabricação de artesanatos e a retirada de mariscos do manguezal.

Além de dona Helena, existiam outras 5 pessoas na família, sendo elas, seus 3 irmãos, o padrasto e a mãe. Ela narra adversidades enfrentadas durante a sua infância, mas que apesar disso nunca houve fome extrema, pois sempre eram bem-dispostos ao trabalho e busca de mantimentos para casa. Não havia tempo para brincar, aproveitar o momento de criança, tanto que aos 13 anos engravidou-se do seu 1º filho, Augusto. Não houve aceitação do pai da criança, que foi embora da aldeia.

Solteira, Helena teve que enfrentar a gestação com a ausência da figura paterna, chegando a um convite para doar o seu filho a uma outra família, mas a mesma negou. Após um ano e meio de Augusto, apresenta-se: Antônio; um rapaz já conhecido da família e mais velho que Dona Helena. Ele se mostra com boas intenções e desejo de se casar com ela. Aos 14 anos e com um filho, Helena se casou ele e se mudaram para a aldeia de Braço Morto.

A saudade da família e a insatisfação de Helena, de não ter sua própria casa, fizeram com que os dois regressassem para Caeiras Velhas 6 meses depois. Dona Helena narra que ela, seu esposo e mais um amigo da família, fizeram sua casa com uma semana aproximadamente. Um lar simples, de madeiras retiradas da mata, coberta de palhas, paredes de barro, foi o início da casa própria do casal. Não tinham móvel algum, mesmo assim eram satisfeitos com o que haviam construídos até então.

Esse período de escassez, fez com que um amigo doasse a casa dele para Antônio e Helena, que se mudaram para uma casa melhor. Os contratempos se apresentavam ainda mais devido à ausência do emprego. Era necessário que Antônio tivesse trabalhando para ajudar nos mantimentos da casa; e o primeiro emprego surgido foi na prefeitura da cidade, antiga Sauaçu. Durante o período que Antônio trabalhava, Helena retirava mariscos para que houvesse alimento para o esposo levar para o trabalho. Assim, a família foi adquirindo os seus bens necessários para a casa.

Passados os anos, Dona Helena conta que, existiam “posseiros” na terra indígena e que em um dado momento, eles tiveram que sair. Após essa saída, o cacique da aldeia, naquela época, José Sezenando, doou uma casa à Dona Helena, casa essa que ela ficou por muitos anos e onde teve seus outros filhos.

Antônio e Helena foram casados durante 50 anos, quando ele adoeceu e faleceu. Atualmente Dona Helena é uma das pessoas mais respeitadas na aldeia, além de ser uma liderança com voz ativa na comunidade. Ela segue com muita garra na luta de resistência dos povos originários dessa terra.

As mulheres indígenas sempre foram protagonistas de suas histórias de lutas, posicionando frente às lutas em defesa de suas terras, cultura, família entre outros. Segundo o artigo “Marcha das Mulheres Indígenas: Território, Nosso corpo, nosso espírito”, as mulheres indígenas tem seu importante papel como lideranças, guerreira, geradoras e protetoras da vida, mostrando o seu crescimento em todos os níveis sejam eles, sociais e culturais, atingindo assim o seu empoderamento, e posicionando frente ao machismo das outras culturas, lutando em igualdade por aquilo que consideram prioridade.

Mulheres como D. Helena, que sempre estão à frente de momentos e encontros que transmitem os conhecimentos dos saberes dos nossos ancestrais, sejam esses conhecimentos na medicina tradicional, na alimentação, no cultivo e preservação lutando sempre e exigindo respeito pelo modo de viver diferenciado do povo indígena.

Seu exemplo de vida é fundamental para o fortalecimento e a valorização da cultura, demonstrando para as novas gerações a importância de saber se posicionar frente às lutas em defesa de seu povo, tendo a responsabilidade de transmitir e compartilhar seus conhecimentos, contribuindo assim, para o fortalecimento da cultura de um povo.

Numa sociedade com uma cultura machista, as mulheres a tempo vêm construindo seus próprios caminhos, e se destacando frente a situações de extrema relevância e tendo êxito em seus objetivos.

De acordo o artigo, “Mulheres Indígenas em Movimento: Possíveis Articulações entre Gênero e Política”, as mulheres indígenas hoje participam de discussões e debates que envolvem as reivindicações de seus direitos e conquistam seus espaços a cada dia.

Dona Helena desenvolve esse papel na comunidade tupiniquim onde vive atuando como liderança indígena. Segundo ela, “como liderança procura contribuir para que a nossa cultura não morra”. Juntamente com cacique e outras lideranças, procura caminhos que nos levem a viver em harmonia com o seu povo e a sociedade vizinha, nunca pensando só em prol de sua família, e sim, de sua comunidade.

Os atos de resistência em Brasília O projeto de lei 490/2007, que dispõe competência ao Congresso Nacional Brasileiro em demarcar as terras indígenas, foi aprovado em votação no dia 23 de junho de 2021. O marco temporal é a tese de que nós indígenas só poderíamos ter direito aos nossos territórios se estivéssemos de posse da área ou em disputa judicial em 5 de Outubro de 1988, dia da promulgação da Constituição Federal, conseqüentemente, os territórios que foram desmarcados após a data da promulgação estão sujeitos a revisão. A votação do Marco temporal agendada para o dia 30 de Junho e votação da PL190/2010 semana anterior, culminou nas nossas organizações de protestos em vários estados, municípios, comunidades e povos indígenas contra ambas propostas.

Na comunidade de Caieiras Velhas foram realizadas passeatas até o bairro Coqueiral e no centro do município de Aracruz, ES, com cantos de congo Tupinikim e Guarani, e gritos de ordem, exibiram faixas, e presença indígena Tupinikim e Guarani na luta pelos nossos direitos. Em Brasília, na Esplanada dos ministérios, desde o dia 7 de Junho, já estava estruturado o acampamento "Levante pela Terra". Nós Tupinikim e Guarani do Espírito Santo, fomos a Capital Federal somar com os demais parentes indígenas que já estavam acampados a várias dias e semanas, com o intuito de mostrar presença, força, pluriethnicidade e multiculturalidade dos povos indígenas do Brasil, e não menos importante, a nossa posição de não aceitar que nenhum dos nossos direitos instituído constitucionalmente sejam retirados e violados por nenhum governo e bancadas políticas. Vários indígenas e seus povos se deslocaram de diversos estados rumo ao " Levante pela Terra". É a primeira vez que estive em Brasília e participando do movimento nacional dos povos indígenas, é enriquecedora a diversidade indígena no acampamento.

A luta Tupinikim e Guarani nas nossas três demarcações são experiência da União de dois povos indígenas. No acampamento quantificar os povos que estão na nossa visão é impossível. As várias caminhadas até o Ministério do Ambiente Supremo Tribunal Federal e Câmara dos Deputados Federal emerge como é incrível ser parte dessa nossa pluriethnicidade caminhando com o mesmo propósito: defender os nossos territórios; é nítido que para defenderas nossas vidas necessitamos da União de todos os povos indígenas. Sentimentos e emoções vivenciados nessa participação

contribuem com a minha expansão de conhecimento e admiração sobre a nossa diversidade indígena.

As boas emoções se manifestam de diversas formas: na pele com arrepios, nos olhos ao se encher com lágrimas da riqueza visual das cores do urucum, jenipapo, tintas, penas e cartazes com posicionamento políticos, do ouvir mulheres, crianças, homens jovens cantando alto e forte em diversos dialetos e as nossas vozes se somando e também com os tambores, casacas, Maracás ecoando ainda com mais força, principalmente ao passar pelo túnel, indo para a Câmara dos Deputados Federal. As múltiplas emoções fortalecem a minha essência espiritual e conseqüentemente emerge a importância que é participar desses espaços

NOSSA MATA

Nossa mata já se acabou, não se encontra um caçador
Nossa mata já se acabou, não se encontra um caçador

Sou da aldeia não sou do mar, tem um barco para navegar
Sou da aldeia não sou do mar, tem um barco para navegar

Olha o Canto da sereia, olha o canto a celebrar
Olha o Canto da sereia, olha o canto a celebrar
É um índio na aldeia e a sereia lá no mar
É um índio na aldeia e a sereia lá no mar

O índio tá no trabalho, tá fazendo o seu cocar
O índio tá no trabalho, tá fazendo o seu cocar
É o índio na aldeia e a sereia lá no mar
É o índio na aldeia e a sereia lá no mar

A tradição do índio nunca mudou
A tradição do índio nunca mudou
A tradição do índio é a casaca e o tambor
A tradição do índio é a casaca e o tambor

Autora: Helena Coutinho

3. CONVERSAS COM DONA HELENA²

Luanna: Boa noite! Boa noite a todos! Hoje nós vamos fazer uma entrevista narrativa e conversada com anciã da Aldeia, Helena Pereira Coutinho, que é pessoa principal do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Eu sou Luanna, estudante da licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) e minha companheira é a Roseane Neves Pereira. O tema do nosso TCC é sobre a História de uma guerreira Tupiniquim: Helena Pereira Coutinho e sua trajetória de luta e resistência e tradição do seu povo indígena. Essa pesquisa que iremos fazer servirá para o nosso trabalho de conclusão de curso. Nossa orientadora é a professora Andréia Ramos Teixeira, que está presente. Gratidão professora! Nessa caminhada de escrever o TCC surgiram várias problemáticas em forma de perguntas e são elas que serão feitas nossa querida Dona Helena! Eu vou deixar ela falar um pouco, se apresentar e depois a gente continua entrevista.

Dona Helena: Boa noite! Para quem não me conhece o meu nome em português é Helena e em indígena é Mby membyra: filha da terra.

Luanna: É um prazer ter a senhora aqui Dona Helena!

Os objetivos específicos do nosso TCC são relatar a história e a trajetória de vida por meio da entrevista narrativa com a liderança Helena Pereira Coutinho e descrever As Memórias da Dona Helena em relação às tradições da Comunidade indígena de Caieiras Velhas.

Então, a gente quer saber Dona Helena, se a senhora pode falar um pouco sobre a sua história e trajetória de vida...

Dona Helena: a minha infância foi muito sofrida, minha vida foi trabalhar ajudar a minha mãe, e a gente trabalhava muito com artesanatos indígenas, na roça, artesanatos indígenas com esteira, íamos para o mangue tirar os Mariscos, eu

² Para escutar o Podcast acessar. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/19KK7S88e38JhMWSvXdRF-FL083bZkETN> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

sempre acompanho minha mãe sempre ajudei ela a fazer de tudo. A gente ficava o dia inteiro estando a esteira para vender, para sobreviver, junto com a minha mãe e a minha vida era assim com ela, na minha infância. Depois que eu cresci, arranjei família, aí já ficou mais pesado para mim, porque eu tinha que trabalhar para sustentar meus filhos, mas sempre na Cultura, sempre vivendo do Manguê, tirando os Mariscos, vendendo para sobreviver.

Sempre trabalhei na roça também, arrancando aipim, mandioca para fazer farinha, para comer, plantando batata... tudo isso era minha vida depois que eu cresci! sofri muito né! Tudo era muito difícil! Hoje em dia tá tudo mais fácil. A minha infância foi muito difícil também porque eu não sabia ler, não tinha condição de frequentar a escola, a escola era muito longe, aí fui obrigado a sair da escola. Então eu cresci formei família, criei meus filhos com muita luta, passando necessidade, mas eu criei meus filhos. Depois de grandes, começaram as aulas na aldeia eu coloquei meus filhos aqui para estudar, aí ficou mais fácil para mim depois que meus filhos cresceram, agora minha infância foi muito difícil pois eu não tive capacidade para aprender a ler.

Luanna: Dona Helena a senhora pode descrever suas memórias em relação às tradições da comunidade indígena Caieiras velhas? No Congo, como era sua vida no manguezal? Sendo uma mulher liderança indígena, suas participações no manifestos... A senhora pode falar um pouquinho sobre isso?

Dona Helena: a gente acordava cedo e ia para o mangue, tirar ostra, ameixa e trazer para casa. Quando chegava em casa sempre vinha alguém e falava: olha, tal hora vai ter a banda de Congo eu quero a senhora lá! Então eu fazia tudo que eu tinha para fazer, e ia embora para lá! Chegava lá, era para mim fazer o quê?! Era para mim cantar e dançar, e era assim a minha vida com meu povo, nós éramos todos unidos, e era tudo direcionado para Cultura. Era sambando, era cantando, era dançando, isso tudo eu fazia... Deixava tudo em casa, a comida pronta para os meus filhos, pois isso aí era minha alegria!

Eu aceitei para ser liderança, porque muitas coisas nós tínhamos de fartura na nossa mão, mas depois de uns tempos, fomos prejudicados quando chegaram as empresas,

aí nós não tínhamos liberdade! Aí o que que eu fiz... Chegaram para mim fizeram convite e eu aceitei, falei: claro! Vamos enfrentar essa barra pesada! Então eu cheguei junto, sem violência! Com ajuda de Deus, nós batemos em cima, veio a Funai para ajudar, nós conseguimos retomar a nossa terra, que já era nossa, mas Aracruz é que estava mandando e desmandando, e nós não tínhamos Liberdade nem de apanhar uma lenha. Mas como eu sou... Nem sei se eu sou gente (risos), sou muito teimosa...

Passava a mão no Machado ia para mata, pegar a minha lenha para queimar o meu fogão, assar o meu caranguejo, fazer a minha comida. Isso aí eu não deixei ninguém tirar de mim, não! Aí... Batemos em cima e com ajuda de Deus, nós conseguimos...mas foi fácil não. Mas conseguimos em equipe, juntos, reivindicando nossos direitos sempre com a Cultura, batendo tambor, cantando, andando pelo Mato, indo para Vila do Riacho, para Barra do Sahy, todo mundo a pé, mas sempre juntos! Eu estou sempre junto! eu fui muito teimosa... As pessoas sempre diziam que eu sou uma guerreira, e eu sou mesmo! Não tenho medo de nada! Sempre quero ajudar, e estou sempre pronta para ajudar, qualquer um que precisar de mim! Sempre que precisar falar, o que aconteceu com nós, eu falo, pois eu passei por tudo isso. Corri, pois as polícias estavam querendo jogar Bala de Borracha em nós, me escondi, mas eu fiquei perto, não fui embora, se fosse para Morrer, morria junto com meu povo.

Criei meus 11 filhos, como todo mundo sabe, foi com muita luta e até hoje eu tenho minhas lutas, estou com 73 anos, mas eu não estou achando que eu não estou aguentando... Eu tô aguentando! Melhorou mais um pouquinho, pois eu me aposentei logo, meu marido morreu com 107 anos, já tem quase 10 anos que ele morreu, ele morreu e eu tô aí, estamos na luta! Tô na luta com a minha turma! As minhas guerreiras, os meus guerreiros, no que depender de mim, eu tô junto com eles! Até Deus me levar, se ele não me levar agora eu continuo caminhando junto com eles.

Rosiane: Vó, fala um pouco dessa sua participação no dia 19 de abril com as guerreiras, da importância da senhora está sempre com nós mulheres guerreiras...

Dona Helena: agora, eu senti muita alegria no meu coração, por quê? Porque antes,

as mulheres só mandavam as crianças para dançar, e eu sempre dizia: vai chegar a hora que vocês tem que estar junto com elas! Aí conversando com um, e conversando com outra... Resolvemos reunir todas elas, juntamos os colares, os colocar as tangas, pintando rosto... Aí eu falei para elas: vocês não fiquem com vergonha de pintar o rosto, porque eu não tenho vergonha, não. Eu vou em qualquer lugar com a cara pintada, de tanga e de colar! Assim elas fizeram.

Oh... No dia 19 de Abril, eu levei 40 e poucas mulheres para fazer a apresentação, ficou muito lindo! Elas me acompanharam! E eu fiquei muito alegre E pensei comigo: Agora eu tenho as minhas guerreiras! Agora eu tenho força para levantar ainda mais a minha cultura! E graças a Deus deu tudo certo no dia 19. Todo mundo cantando, e eu apitando e levando elas (risos). E estou esperando que seja breve que a gente possa fazer outra apresentação. Foi muito bonito!

Rosiane: Agora Vó, eu quero que a senhora fale um pouco sobre as suas apresentações aqui na escola, junto com os estudantes...

Dona Helena: Tem vez que eu estou lá em casa e chega alguma pessoa e fala: Dona Helena, tô precisando que a senhora vai lá na escola agora. Eu falo: Tá bom eu vou! Vou lá e boto a minha tanga, o meu colar, o meu coçar e parto para lá! Chegando lá é para quê?! Para cantar com as crianças, ensinar as crianças e assim eu faço. Levo o tambor, levo a casaca, vou apitar para eles formarem as danças, eles formam as danças... Eu ensino eles e se chama os professores também para roda para dançar com nós. Eu falo: não fique com vergonha não, isso é nosso mesmo! É Nossa Cultura, é de todo mundo. Se os nossos alunos aqui são índios, então vamos mostrar nossa Cultura! Eu estou aqui para ensinar para eles, para eles não terem vergonha de sair e mostrar a cultura deles.

Eu sou muito chamada nas escolas pelos professores, eu faço questão de ir. Largo tudo que eu vou fazer, depois eu faço... E vou lá ensinar. E vou de coração mesmo. Não tem esse negócio não! Estou aqui para ajudar minha comunidade, minhas crianças, as que estão nascendo... As que estão nascendo agora, estão vendo as coisas muito melhores em relação a cultura, eu peguei as coisas mais atrás da nossa cultura. Hoje em dia, as crianças ficam mais no celular, antigamente não tinha isso.

Então por causa disso que, eu estou sempre com eles para ensinar para eles como era a cultura antigamente para nós, para eles honrarem, porque nós somos índios.

Dona Helena: eu vou cantar essa música para vocês e essa música para mim, é muito importante, Pois fala de como nós éramos antes:

*Nossa mata já se acabou, não se encontra um caçador.
 Nossa mata já se acabou, não se encontra um caçador.
 Sou da Aldeia, não sou do mar. Tem nosso barco pra navegar.
 Sou da aldeia, não sou do mar. Tem nosso barco pra navegar.*

*Olha o canto da Sereia, olha o canto celebrar!
 É o índio na aldeia, a sereia lá no mar.
 O índio tá no trabalho, ele tá fazendo seu cocar.
 O índio tá no trabalho, ele tá fazendo seu cocar.
 É o índio na aldeia, a sereia lá no mar.
 A tradição do índio nunca mudou.
 A tradição do índio é a casaca e o tambor.*

Essa cantiga é muito importante, porque antigamente para criar meus filhos, eu não comprava carne no supermercado, era só da Mata, era a caça. Meu marido matava Tatu, PAC... Fazíamos assado... Nós não tínhamos condição de comprar muito sal, então o que que a gente fazia: cortar a carne, “muquinhava” tudo em cima do fogo, colocava dentro do saco e ia comendo aquela carne muquinhada. Vocês sabem o que é muquinhada? É assada. Aí a gente pegava essa carne, cozinhava e ia comendo.

Então, essa cantiga me faz lembrar da que nos tinha e que agora não tem mais... e a pesca também não tem mais, porque a gente não pode ir lá pescar, não pode comer o peixe, pois tá proibido por conta da água e o índio quando não tinha nada pra fazer, tava fazendo seu cocar em casa, fazendo seu tambor, sua casaca... Porque a casaca e o tambor são resistência da nossa terra. Eu digo que tem força com os instrumentos. Eu me lembro de quando nós fomos para Vale do Rio doce, lá eles pegaram a nossas Águas, deixaram a gente lá... Eu reuni e falei: vamos meu povo,

vamos pra lá... Aí juntamos todo mundo e uns 10 tambores, fomos pro portão todo mundo cantando, batendo tambor... Até que eles se “injuriam”, saíram de dentro da empresa e deixaram os índios entrar, e nós entramos, sambando e cantando. Então os nossos instrumentos são só o tambor e a casaca, e são instrumentos de resistência na minha aldeia e o nosso corpo né... Todo mundo junto!

Luanna: Então é isso! Vocês querem dar alguma contribuição professora?! Falar alguma coisa... Professor Soler?

Professora Andréia Ramos: Então Dona Helena... Nossa! Gratidão! Eu estou muito emocionada! Tô assim.... chorando aqui de emoção com tanta sabedoria que a senhora trouxe pra gente, para esse TCC das meninas, pois elas estão terminando o curso né e a gente precisa compartilhar essas histórias, que são histórias tão valiosas da senhora, mas que representa todo povo Tupinikim. Então, eu fico muito feliz e me sinto muito honrada por participar desse momento.

Rosiane: Professor Soler, quer falar?...

Professor Soler: queria agradecer também, a oportunidade que vocês nos proporcionaram de estarmos hoje aqui à noite ouvindo as histórias

Dona Helena, muita coisa para ser contada, né Dona Helena?! Com tantos anos de vida, tanta resistência... A gente ouve a senhora e fica pensando Quantas coisas ainda, a gente pode aprender com a senhora. E eu fiquei aqui pensando muito e eu tô com uma vontade de conversar depois, ou pessoalmente, seria melhor ainda. Conversar com a senhora sobre um pouco do que a senhora falou, sobre o que é o pescar, o cozinhar, o morar aí na aldeia...

A questão do manguezal, do Caranguejo, dos crustáceos, da maré, das luas. Enfim, dos mitos e o que tudo isso tá permeando... Muito bom! Muito Legal! Achei lindo também a Toada do congo que a senhora cantou, contando essa história da Mata que não tem mais, da água, do pescado. Infelizmente né, a gente tem essas questões que não gostaríamos de estar vivendo, mas a Toada nos ensina também né, como que era, para a gente poder preservar e não deixar isso acontecer de novo né!

Então... Gratidão Luanna, Roseane e também Dona Helena. E a Andreia né, Que tá nessa orientação, desse trabalho tão importante, tão lindo!

Dona Helena: eu quero agradecer a vocês pelo convite, pois isso é muito importante ter pessoas que querem saber como é que a gente vivia, como a gente cresceu na aldeia. Porque eu nasci cresci, aqui casei e aqui criei meus filhos. Nunca saí para canto nenhum, tive meus 11 filhos e nunca soube o que era hospital pra poder ganhar uma criança, ganhei mesmo assim na natureza, tudo que era mato...era banho, chá...

Era só isso para mim! E eles foram crescendo assim, e graças a Deus eu tenho muita recordação do que eu vivi, e graças a Deus eu estou firme e forte, tô levando a vida! Espero em Deus que eu vou chegar os meus 100 anos ainda! Junto com meus netos, bisnetos e tataranetos! Isso para mim é minha alegria. Eu tenho 50 netos, 40 bisnetos e 4 tataranetos e acho que vou chegar em mais ainda. (Risos). Isso é alegria para mim. Se eles ficam um dia sem ir lá em casa, eu fico chorando! Porque parece que eles estão me esquecendo. (Risos) Não só os netos, mas qualquer uma pessoa que precisar de mim, eu estou prontamente pra atender. Nunca neguei ajuda!

Professor Soler: Isso aí! Iremos fazer uma visita pessoalmente pra Senhora!

Dona Helena: Tá bom! Eu espero!

Luanna: Então é isso! Quero agradecer Dona Helena, pela senhora está sempre disposta a nós ajudar, participando das nossas entrevistas. Muito obrigada! Agradecer a Professora Andréia, que tá aí na luta com a gente, pra gente terminar esse TCC, muito obrigada! Professor Soler, gratidão! Rosiane, quer falar alguma coisa?

Rosiane: Só quero agradecer a Vovó, que a todo momento está disposta pra atender a gente, né! A hora que a gente quer, o dia que a gente quer! Eu falo pra ela: Vó, você pode?! E ela sempre: posso! Pode contar comigo sempre. E eu sou chorona, já fico emocionada já! Porque é uma honra muito grande estar aqui perto da minha Vó, fazendo esse TCC falando da vida dela que é muito importante para a família, para a comunidade. É um trabalho muito lindo, né professora?! Como você tem sempre falado! Que é um trabalho lindo. Maravilhoso! Quero agradecer também a você, ao

Soler, principalmente a você e pedir desculpas pelo imprevisto de hoje, porque chegamos atrasadas, mas o importante é que deu certo! Tá dando certo! E é isso! Desculpa aí, é que eu sou chorona mesmo! (Risos)

Dona Helena: Essa cantiga que eu lembrei agora, ela é muito importante para nós! Eu vou cantar um pedaço dela, porque eu ainda não peguei a letra. Vocês prestam bem atenção na letra. São assim:

*Peguei meu barco, o meu remo e também o samburá.
Junto com índias guerreiras, vamos lá para pescar.
Que tristeza eu fiquei, porque no mangue não encontrei.
Não pude conter as minhas lágrimas e ali mesmo chorei.*

*Desde quando meus pais, bem cedinho ia pescar.
Muitos peixes ele traziam, para nós alimentar.
Muitos peixes ele trazia, para nós alimentar.*

*Foi neste rio que eu cresci, com meus pais, sobrevivi.
Me dá tristeza e revolta ver o rio morrer assim.
Me dá tristeza e revolta, ver o rio morrer assim.*

Essa música tem mais letras, mas no momento eu esqueci. Mas isso tudo faz parte da nossa cultura... A gente pega o barco, o remo e o samburá, a gente pega também o facão, o grápia pra gente tirar ostras, tirar as ameixas. O gancho pra tirar os caranguejos do buraco...isso tudo faz parte dessa música, porque a minha filha me disse: mãe! Tô indo lá no mangue pegar um sururu pra gente comer. Eu disse: tá bom, minha filha! Estou esperando. Então ela foi e quando ela chegou de lá, ela me disse: mãe, não tem nada no mangue, mãe! Os sururus estão com a boca toda aberta, as ostras estão todas caindo, mãe! Aí eu disse: Tá bom minha filha, vou fazer outra coisa pra gente comer. Aí ela ficou ali pensando e no outro dia ela apareceu com essa música sobre o rio pra gente cantar.

Eu ainda estou gravando na minha mente a letra dessa música, só esse pedaço que eu lembro e quando canto, eu choro, porque o mangue para mim, foi minha mãe!

Porque eu sempre dizia assim: vou lá buscar as coisas pra vocês comerem, tá meus filhos?! Passava a mão no remo, no samburá e ia embora pro Rio, chegava 12h em casa, com o samburá cheio de ameixas, de ostras... Já cozinhava e comia com aquela alegria. Nós não tínhamos arroz, era só o caldo da ameixa que eu fazia um pirãozinho e comia e ficava satisfeito. Isso alegrava o coração da gente!

Nós não tínhamos doença. E agora, não interessa nós termos tudo na vida da gente, comer do bom e do melhor e não ter a saúde da gente, isso que é a minha tristeza! Esses dias apareceu essa doença em mim, a diabete. Mas também nem é uma doença, p que está aparecendo muito doença na aldeia, dias mesmo morreu uma menina tão nova de câncer, isso é de tanta coisa, coisa que a gente come sem sábado ... Eu estou com essa idade e a única coisa que eu sinto é isso, diabetes, e eu nem sabia! Aí quando descobriram tive que fazer uma dieta, que dizem que diabetes mata, então estou tomando os meus remédios, os remédios que eles me dão, cozinho os remédios de mato e bebo também e tô vivendo.

Luanna: Então é isso! Obrigada mais uma vez, Dona Helena, e vamos encerrar por aqui!

Oh, Goembê

Goembê, Goembê
Samburá vamos fazer
E a taboa, a embirema
Nossa tanga tecer
Oh, Goembê, oh Goembê!

(2 vezes)

Estamos em festa,
Nossa alegria
É ver o amanhecer,
Somos guerreiras
Lutamos todos os dias
Para sobreviver
Oh Goembê, oh Goembê

(Coro 2 vezes)

Somos guerreiras
E resistentes
Estamos aqui
Somos guerreiras
Guerreiras Tupinikim

(Coro 2 vezes)

Autoras:
Adriana Vitoriano Barbosa
Joseni Ramos Alves
Sábio:
Eunício Barbosa da Conceição
Melodia:
Edson Vitoriano Barbosa
Eunício Barbosa
09 de setembro de 2019.

4. NARRATIVAS DA PROFESSORA ANDREIA PEREIRA COUTINHO

Em relação as tradições, congo e a participação da Dona Helena no cotidiano escolar; todo início do ano, ela é convidada pela EMEFI Caieiras Velhas e outras escolas da comunidade para dar palestras de incentivo, a compartilhar a sua vivencia com os alunos, falando das dificuldades de sua infância e aproveita esses momentos para reforçar sobre a importância da cultura e após esses momentos de fala, dona Helena convida as crianças para tocar o tambor e a casaca, e chama os professores, alunos e quem estiver presente a sambar na roda de congo.

Quando acontece o momento literário, onde a escola trabalha os contos e narrativas indígenas, D. Helena é convidada a fazer uma contação de história em uma roda de conversa com os alunos.

Em áudios enviados pela professora Andreia, dona helena relata que é sempre convidada para falar sobre como era a cultura antigamente, como eram os seus estudos, as dificuldades que enfrentava para ir à escola, conta que caminhavam um longo percurso até chegar a escola, carregando apenas uma sacolinha contendo um caderno e um lápis e que não havia merenda. Por esses e outros motivos, Dona Helena não aprendeu a ler, mas sente-se feliz vendo as boas condições que atualmente as crianças possuem; um bom uniforme, um bom calçado, mochila, materiais de qualidade, alimentação, etc. Em suas conversas sempre reforça a importância dos alunos respeitarem os professores, levar os estudos a sério, pois o mesmo será fundamental para o futuro deles. Em seu relato, dona Helena lamenta a ausência de estudo na vida dela, uma vez que ela é uma figura muito importante e sempre é chamada a participar de grandes eventos fora da comunidade indígena.

Em sua adolescência, sempre acompanhava sua mãe e sua avó nas festas culturais da aldeia, pois elas sempre estavam envolvidas com a cultura e dessa forma aprendeu a cantar as toadas, tocar os instrumentos e a sambar o congo. Antigamente o lugar de encontro era na casa do “compadre” Alexandre, pajé da aldeia na época e quando casou e teve seus filhos, fazia questão de levar todos desde cedo para aprender sobre a cultura, assim como ela aprendeu e que hoje, quando é convidada a ir na escola, está sempre falando para as crianças não sentir vergonha de ser

indígena, incentivando-os a se pintarem, a se enfeitarem de adornos e participarem de todos os eventos que acontecer na comunidade, pois a alegria dela é ver as crianças se apresentando tocando a casaca e o tambor e ela pode apitar seu apito para reger o congo.

A história de uma grande líder comunitária e defensora da cultura indígena, iniciou-se muito cedo por Helena Coutinho. Acompanhada pelo pajé Alexandre, dona Helena recebeu suas primeiras oportunidades de liderar uma banda de congo e assim foi ao longo de muitos anos. Entretanto, após morte de sr. Alexandre e troca de liderança na banda de congo, dona Helena viu-se afastada de alguns eventos culturais, diferentemente do antigo líder, ela já não se senti tão incluída. Algum tempo depois, a indígena percebendo o enfraquecimento cultural, decide reunir as “guerreiras” (grupo de dança composto por mulheres) com intuito de fortalece-las juntamente com a comunidade.

Dona Helena contribuiu e contribui muito até hoje para o fortalecimento da cultura indígena, mas ela comenta que já não há mais força física para ficar à frente de uma banda de congo, tendo em vista a sua idade e fragilidade de sua saúde. Atualmente quem auxilia nas danças das guerreiras é a Mariane, indígena aldeada da comunidade de Irajá.

A cultura é sempre um tema que Helena Coutinho preserva, e nas oportunidades que ela tem sempre deixa claro que o fortalecimento é contínuo, e que não se deve deixar morrer, pois é a marca do indígena e que é algo hereditário, de pai pra filho. Dentre tantas contribuições já feita, a que ela deixa hoje são as inúmeras histórias vivenciadas e que alegremente ela relata.

Fogueira enfrente a igreja, comidas tradicionais, tais como, batata, aipim e peixes que eram trazidos e, com a bebida tradicional da época, a coaba; assim eram os encontros que haviam na aldeia. Um dos momentos tradicionais que ocorria nestes encontros era o “levantamento de mastro”, que basicamente era esconder uma peça de madeira circular na mata e em seguida, todos que ali estavam mais a banda congo saíam cantando para buscar esta peça e voltavam ao lugar de encontro para fixar a madeira

ao chão. Dona Helena conta que este era um momento que as indiferenças caíam e todos unidos participavam desta celebração.

5. NARRATIVAS DA PROFESSORA ADRIANA VITORIANO BARBOSA

Sou Adriana Vitoriano Barbosa, Tupinikim e moradora da aldeia Caeiras Velhas. Atualmente leciono a disciplina de Ciências da Natureza para as turmas de 6º ao 9º ano nas escolas Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena (EMEFI) Caeiras Velhas, localizada na mesma aldeia e, também na EMEFI Arandu Retxakã, que está localizada na aldeia de etnia Guarani, denominada Três Palmeiras.

No ano de 2021, as aulas iniciaram a princípio no formato on line, ou seja, com atividades remotas; em seguida elas tiveram o formato híbrido de forma escalonada e depois retornaram totalmente de forma presencial.

No terceiro trimestre, iniciou-se o projeto comunidades leitores nas escolas. Trata-se de um projeto de leitura e escrita, que vem sendo desenvolvido por todas as escolas do município de Aracruz, proposto pela secretaria de educação (SEMED). Como nossas escolas indígenas possuem uma educação de carácter específica e diferenciada, fazemos adaptações pedagógicas que relacionam a cultura de nosso povo. Sendo assim o projeto desenvolvido tem por título “Sons que ecoam saberes: navegando no conhecimento”.

Neste ano, considerando a organização pedagógica, cada turma por série teve um grupo de professores/as responsáveis para trabalhar com os mesmos de forma interdisciplinar a partir da leitura e interpretação de texto de uma música de congo, em específico.

Fiquei então responsável por desenvolver atividades com turmas dos 6º anos A e B, junto com os meus colegas que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa e Educação Física. Escolhemos trabalhar a letra da música de congo “Filhas da Terra”. A música de minha autoria, trata-se de uma homenagem a nossa guerreira e anciã, a sábia indígena dona Helena Coutinho e também ao momento de união das do grupo de Mulheres Guerreiras Tupinikim de nossa aldeia. Este grupo inclusive foi idealizado por esta nossa sábia Tupinikim, ao qual temos um grande amor e respeito.

Nesse sentido a escolha da música possibilitou trabalhar além dos conteúdos específicos por cada disciplina de forma interdisciplinar, principalmente a nossa identidade cultural.

A partir da música congo trabalhamos o tema “A importância da Mulher Tupinikim no Território” sendo o território, por exemplo, um tema abordado durante as formações neste ano de 2021.

O início do trabalho aconteceu nas aulas de Ciências, onde os/as estudantes tiveram acesso ao texto, fizemos a leitura e a interpretação da letra a partir de um questionário que possibilitou o trabalho interdisciplinar.

Após todos os/as estudantes terem respondido o questionário, nós professores/as sentamos e analisamos as respostas, fizemos algumas análises: muitos não conheciam a dona Helena, alguns talvez por morarem na mesma aldeia, mas tinha estudantes que eram moradores/as local. Alguns estudantes, também não conheciam os instrumentos musicais que marcam nossa identidade Tupinikim, o tambor e a casaca; muito menos conheciam a matéria para a sua confecção. Outros também tiveram limitação para escolher e escrever sobre a importância de uma mulher na sua vida e no território indígena.

A partir dessas reflexões cada professor/a deu continuidade em sala de aula, com atividades interdisciplinares e também específicas, considerando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): a disciplina de língua portuguesa trabalhou com entrevistas; a de educação física trabalhou com a dança e os artesanatos Tupinikim, destacando os instrumentos da música de congo.

Nas minhas aulas de ciências, consegui relacionar os corpos celestes Terra e Lua, identificando a sua importância na cultura Tupinikim, que consideramos como mãe e nossa avó. E assim discutimos a importância de cuidar da mãe Terra, do planeta e também a importância de ouvir a Lua Avó e seus ensinamentos. Fazendo estas relações foi possível fazer com que os/as estudantes compreendessem a valorização da mulher no território indígena.

Este também foi um momento importante, pois pudemos dialogar com a turma sobre o respeito e valorização entre todos, neste caso em específico, entre as mulheres. relatei, inclusive, sobre como surgiu a letra da música. Sobre como foi o convite feito

por dona Helena, como foi o momento quando nós mulheres nos reunimos pela primeira vez, para poder se pintar e se apresentar pela primeira vez, embora muitas já haviam se apresentado quando jovem, mas já estavam a tempos sem dançar, principalmente por terem casado, terem filhos/as e por estarem com outro perfil corporal.

Destaquei que foi um momento emocionante, pois no começo, sentíamos medo e vergonha, principalmente com vergonha do corpo, por estarmos acima de nosso peso ideal. Mas quando neste dia, uma foi encorajando a outra, e se pintando e se arrumando, começamos a nos sentir bela. Uma olhava para a outra e dizíamos, “nossa como você está bonita”. Foi um mix de emoção, a gente chorava, mas era de alegria. E assim se apresentamos em Abril, com um grupo com mais de 50 mulheres, em grande maioria, mulheres acima dos 20 anos, outras mães, outras avós, outras que nunca tinha se apresentado antes, como eu por exemplo. E foi lindo!

Também narrei para os/as estudantes sobre como essa apresentação foi bom para a nossa autoestima, e disse que isso é fundamental para as meninas e para as mulheres. Precisamos nos amar a todo tempo, porque somos belas. E assim nossos corpos que no começo tinha um bustiê que cobriam nossas barrigas, agora passamos a deixar a mostra. Perdemos o medo e a vergonha do nosso corpo, queremos que vejam nossas estrias. E novos bustiê foram confeccionados.

A formação desse grupo, também intensificou a produção de nossos artesanatos e vestimentas culturais, garantindo a sustentabilidade das famílias que passaram a confeccionar mais tangas, cocares, bustiês, brincos, maracás, colares e também a produzir mais tinta. Ou seja, nossa cultura se fortaleceu ainda mais.

E o emocionante foi que muitas estudantes que tinham vergonhas de dançar o congo, passaram a dançar, outras também fizeram relatos emocionantes, narraram sobre a vergonha que tinham de alguma parte do corpo, ou que perderam alguma amizade por conta de conflitos entre meninas. Os meninos também refletiram e destacaram a importância e valorização de suas mães, irmãs, tias, avós e amigas.

Também tivemos outros vários momentos e atividades, os/as estudantes desenharam a Terra Mãe, escreveram cartazes com frases sobre a importância da Mulher, puderam ensaiar as músicas e as danças, fizeram maquetes, e a partir de suas propostas também junto com a família enviaram fotos, apresentando a Mulher no Território Tupinikim. E utilizamos estas fotos para montar o mural que ficou exposto junto com todos os materiais no dia da culminância do projeto.

Também fizemos uma visita na casa de dona Helena, para que todos pudessem conhecê-la. E foi muito bacana, pois os/as estudantes fizeram muitas perguntas sobre a vida dela, e assim também cantamos e dançamos. Após a visita a casa dela, eles também resolveram presenteá-la, com um quadro, colocando a foto e a música de congo que a homenageia.

Pude também relacionar o texto, tirando elementos, palavras chaves tais como jenipapo e urucum, para trabalhar o conteúdo de química sobre misturas homogêneas e heterogêneas.

Desta forma, o trabalho foi desenvolvido também com a participação do grupo de mulheres guerreiras se apresentando no dia da culminância junto com a dona Helena. As turmas de 6º anos apresentaram seu mural, leram a música de congo e também cantaram e dançaram, todos juntos. Foi lindo e maravilhoso!

Este foi um resumo do que realizamos no ano de 2021, esta experiência permite identificar que é possível sim, promover uma educação escolar indígena específica e diferenciada com qualidade. Nós professores/as estamos aprendendo a cada dia, este processo é coletivo, por isso trabalhar de forma interdisciplinar permite um ensino mais dinâmico e prazeroso.

6. IMAGENS NARRATIVAS DAS TRAVESSIAS DE DONA HELENA

Figura 1: Confecção de tanga com professores/as e estudantes da EMEFI Caieiras Velhas.



Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2: Dona Helena e componentes do grupo de guerreiras.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3: Grupo de mulheres indígenas na Assembleia Legislativa do Espírito santo



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Guerreiras anciãs em apresentação cultural na aldeia de Caieiras Velhas.



Foto: PH fotos

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 5: Dona Helena em sua Roça.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6: Dona Helena cantando toadas.



Foto: PH fotos

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 7: Indígenas no desfile Cívico-Cultural no dia 7 de setembro em Aracruz.



Foto: TH fotos

Fonte: instagram: @povostupinikim

Figura 8: Dona Helena e sua neta Juliana Coutinho em apresentação cultural.



Foto: PH fotos

Fonte: instagram: @povostupinikim

Figura 9: Dona Helena regendo os/as estudantes da EMEFI Caieiras Velhas.



Foto: Luanna Pêgo

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 10: Indígenas em protesto contra a PL 490 nas ruas de Vitória.



Foto: Ivo S Moraes

Fonte: instagram: @povostupinikim

Figura 11: Dona Helena e sua Irmã Edith Maria em apresentação cultural.



Foto: PH fotos

Fonte: instagram: @povostupinikim

Figura 12: Dona Helena confeccionando tanga em sua casa.



Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 13: Dona Helena recebendo os/as estudantes da EMEFI Caieiras Velhas em sua casa.



Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14: Mulheres e crianças indígenas na festa do indígena 2022.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 15: Dona Helena e sua família em uma roda de congo.



Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 16: Cartaz de evento do grupo de mulheres guerreiras.

**Encontro das mulheres
Caieiras Velhas**

**20 de
Novembro
2021**

08:30H

**Escola
EMEFI**

**Vamos juntas fortalecer
o grupo de mulheres**

**e eleger 3 representantes para
a comissão de mulheres
Tupinikim e Guarani**

Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 17: Dona Helena recebendo Homenagem na EMEFI Caieiras Velhas.

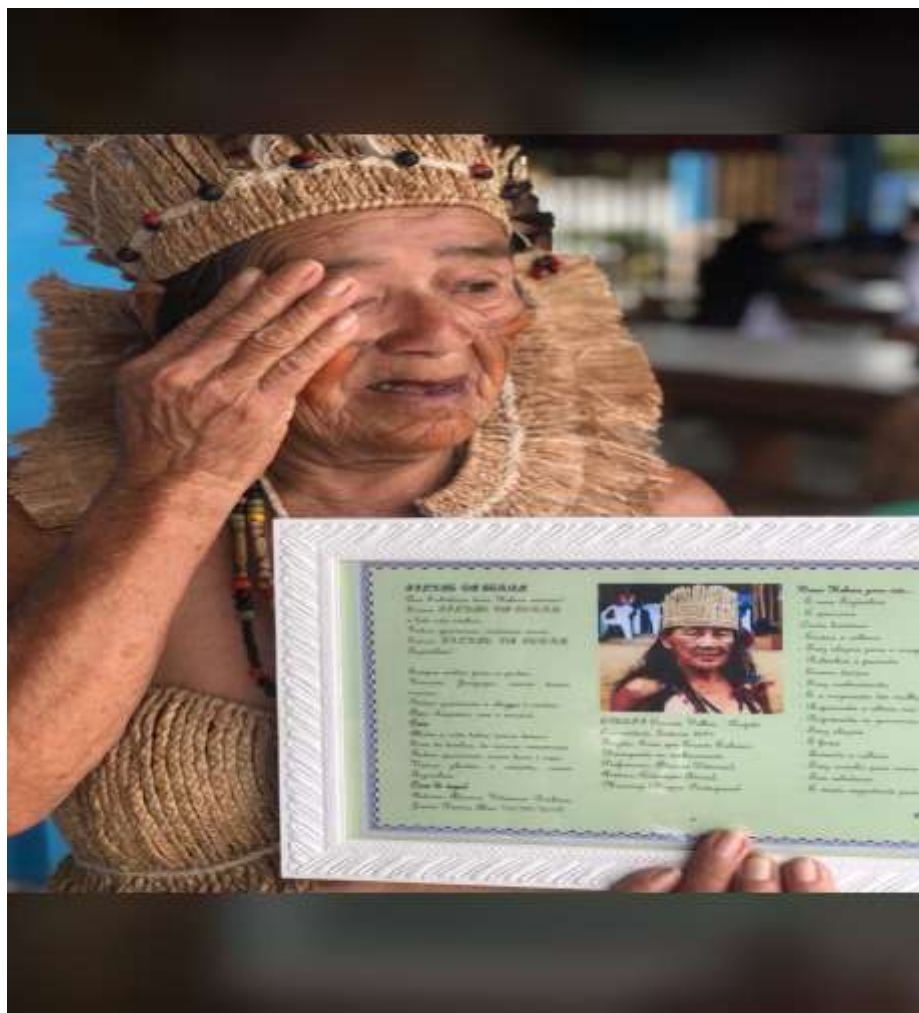


Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 18: Dona Helena recebendo homenagem em frente à Assembleia Legislativa do Espírito Santo.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 19: Dona Helena fumando seu cachimbo.



Foto: Barbara Tupinikim

Fonte: Instagram: @povostupinikim

Figura 20: Indígenas cantando para gravação de documentário.



Foto: Lorrان Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 21: Dona Helena e Ângela Tupinikim.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 22: Dona Helena com seus netos, bisnetos e tataranetos na sua casa.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 23: Dona Helena com sua neta, bisneta e tataranetos no dia das mães.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 24: Dona Helena com suas filhas.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 25:Dona Helena com sua neta Rosiane Neves.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 26: Dona Helena com sua Neta e Bisneta em apresentação cultural.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 27: Dona Helena com sua Neta na festa do indígena 2022.



Foto:

Fonte:

Figura 28: Dona Helena recebendo os/as estudantes da EMEFI Caieiras Velhas e sua filha Professora Andreia Coutinho.



Foto: Andreia Coutinho

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 29: Apresentação das mulheres guerreiras no Dia da Mulher negra Latino-americana e Caribenha na Câmara Municipal de Aracruz.



Foto :Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 30: Apresentação das mulheres guerreiras Tupinikim.



Foto: PH fotos

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 31:Rosiane Neves, neta da Dona Helena na passeata em Vitória.



Foto: Rosiane Neves

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 32: Dona Helena com sua neta Rosiane e Luanna Pego na festa do indígena 2022.



Foto: Rosiane Neves Fonte: Arquivo Pessoal

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa abordamos a história de uma guerreira Tupinikim: Helena Pereira Coutinho e sua trajetória de luta pela resistência e tradição do seu povo indígena. Mãe, matriarca e liderança, pilar da família Coutinho, uma referência de lutas e batalhas, guerreira que iniciou sua caminhada ainda na pré-adolescência trabalhando para o fortalecimento e reconhecimento de sua cultura. A sua representatividade está para além de sua família.

Dona Helena foi a primeira mulher indígena Tupinikim a ser convidada e aprovada pelo cacique e comunidade a ocupar o cargo de liderança, participando ativamente das articulações políticas internas e externas que nem sempre foi espaço ocupado por mulheres.

A realização dessa pesquisa mostrou que a participação feminina intensificou-se e expandiu-se na luta por seu espaço na sociedade, levando outras mulheres a reivindicar seus direitos, trabalhando fortemente em prol de sua cultura para que ela permaneça viva.

A partir das entrevistas narrativas e conversadas, percebemos também, que a sua participação é de grande importância nos cotidianos das escolas indígenas. Vale ressaltar que em todo tempo, principalmente no início do ano, Dona Helena é convidada para compartilhar suas experiências de vida e seus ensinamentos com as educandas e educandos e toda comunidade escolar, sendo essa uma roda de conversa, ou realizando oficinas indígenas, participando dos projetos e levando o seu canto com as rodas de Congo envolvendo toda a comunidade escolar.

Percebemos sua alegria ao narrar a sua participação nesses momentos únicos, onde ela pode partilhar seus saberes com as futuras gerações, criando assim, vínculos para o fortalecimento das identidades de todos que tem a oportunidade e o privilégio de ouvi-la. Tivemos nossos objetivos alcançados pois com a pesquisa realizada conseguimos identificar que este trabalho permitirá que sua história dissemine e ocupe outros espaços para além das nossas comunidades indígenas. Assim, esse registro, possibilitará que as futuras gerações deem continuidade ao seu legado, após

conhecerem a história dessa guerreira que teve sua vida dedicada ao fortalecimento e a valorização de sua cultura não abrindo mão da sua identidade.

8. REFERÊNCIAS

COUTINHO, Helena Pereira. **YBY - MEMBYRA - Filha da Terra**. 2002.

GONZALEZ, Soler, RAMOS, Andreia Teixeira. Educação ambiental nas redes educativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, v. 38, n. 3, p. 73-97, 2021.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo**: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Geografia dos afetos** - cartas, cartões postais, diário de campo e caderno de uma pesquisadora. Vitória: Pedregulho, 2021. 196 p. Disponível em: <https://www.editorapedregulho.com.br/downloads>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SOUSA, Maria Goreti da Silva Sousa; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

FONTES VIRTUAIS

Filhas da Terra: o retrato da luta da mulher indígena brasileira. 21 de Abril de 2021 por Maria Cecília Reina. Disponível em: <<https://www.cadtm.org/Filhas-da-Terra-o-retrato-da-luta-da-mulher-indigena-brasileira>>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

A força das mulheres indígenas. 15 de março de 2020 por Marina Almeida. Disponível: <<https://aldeiamultiethnica.com.br/pt/noticia/1046/a-forca-das-mulheres-indigenas>>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

Disponível em: <<https://www.cadtm.org/Filhas-da-Terra-o-retrato-da-luta-da-mulher-indigena-brasileira>>. Acesso em:

Marcha das Mulheres Indígenas. “TERRITÓRIO: NOSSO CORPO, NOSSO ESPÍRITO”. N.1, V.1, abril 2020. Disponível em: <<https://catarinas.info/videos/mulheres-indigenas-mulheres-de-luta-resistencia-em-tempos-de-violencia/>>. Acesso em: 6 de julho de 2021.

FONTES ORAIS

BARBOSA, Adriana Vitoriano. **Entrevista oral realizada por meio de envio de Carta Pedagógica.** [jun. 2022]. [Entrevista cedida a] Luanna de Souza Pego e Rosiane Neves Pereira. Aracruz/ES, 2022.

COUTINHO, Helena Pereira. **Entrevista oral realizada pela plataforma Meet.** [jun. 2022]. [Entrevista cedida a] Luanna de Souza Pego e Rosiane Neves Pereira. Aracruz/ES, 2022.

COUTINHO, Andreia Pereira. **Entrevista oral realizada por uma rede social.** [jun. 2022]. [Entrevista cedida a] Luanna de Souza Pego e Rosiane Neves Pereira. Aracruz/ES, 2022.